

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n. 1, ano 2025

A concepção de “Pedagógico” em Anísio Teixeira

The concept of “Pedagogy” according to Anísio Teixeira

Sônia Maria da Silva Araújo¹

Resumo

O artigo analisa a concepção de “pedagógico” em Anísio Teixeira. Curiosamente é constatado que esta concepção vem a reboque de um projeto histórico articulado por homens que pensavam um Brasil “desenvolvido”. Assim, o “pedagógico” conjuga-se, em Anísio, a dois pares de categorias: espírito democrático/comunidade e indústria/igualização dos indivíduos.

Palavras-chave: concepção de “pedagógico”; democracia; comunidade; indústria; igualização social.

¹ Doutora. Universidade Federal do Pará. Belém-Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8240-9704>. E-mail: somentesoniamaria@hotmail.com.

Introdução

O objetivo deste artigo é interpretar a concepção de “pedagógico” em Anísio Teixeira, suas implicações e correlações. Para tanto, foram empreendidas leituras sistematizadas e resenhadas de seus textos, seguindo sua ordem cronológica de elaboração. Não houve a pretensão de detectar o movimento, evidentemente presente, no pensamento de Anísio, ao longo de sua vida, mas de identificar a emersão da concepção de “pedagógico” no conjunto de seus escritos. É limpidamente visível que esta emersão ocorre e vai se emoldurando quando da volta de Anísio dos EUA.

O “pedagógico” de Anísio abarca uma concepção mais ampla da escola que, na verdade, tem um papel importante, porém, determinado pelas condições de indústrias e instituições sociais. O seu projeto-escola alia-se a um projeto mais amplo, que não era apenas seu, mas de seu grupo: *um projeto histórico para o Brasil*. A escola, então, que aparentemente se constituiu na pedra-angular, secundariza-se.

Verifica-se que o seu projeto-escola conjuga dois pares fundamentais de categorias: *espírito democrático/comunidade e indústria-equalização dos indivíduos*.

Pelo que foi possível apreender das leituras, Anísio encerra uma concepção de “pedagógico” que encarna suas convicções intelectuais pequeno-burguesas e uma proposta de “revolução” pacífica que se enquadra perfeitamente no seu projeto de um Brasil melhor.

A concepção de “Pedagógico” em Anísio Teixeira: Implicações e correlações

Entender os desdobramentos do pensamento de Anísio Teixeira é ter que, necessariamente, mergulhar na sua literatura. Caso contrário, tende-se a enquadrá-lo, sem ressalvas, no grupo dos renovadores da Escola Nova, ignorando por completo a distância que o separa dos demais, tanto no que respeita à sua concepção de escola, quanto à sua prática política no interior do Estado.

Distancia-se, principalmente, pelo seu projeto de escola aliado à concepção de modernidade. Articulação esta que passa efetivamente pelo significado de espírito democrático e equalização dos indivíduos por ele interpretados. No interior do Estado, ele se distingue pela prática de concessões, arranjos e conchavos políticos, fazendo corriqueiramente emergir o legítimo representante da política oligárquica brasileira.

Na sua concepção de “pedagógico”, vemos emergir um conceito mais amplo: o de escola. Este conceito se fundamenta, com grande propriedade, nos seus escritos após suas viagens aos EUA.

Entusiasmado excessivamente pelas ideias de Dewey e Thordike, Anísio veicula a possibilidade de implementar a democracia no país a partir da formação cultural escolarizada a todos os cidadãos brasileiros.

Nessa perspectiva, a democracia não se faz apenas pelo Sufrágio Universal. Democracia, dizia ele, não se faz por decretos e leis. A democracia só é possível pela permanência de uma Educação universal e eficiente.

Assim, a escola deveria se constituir em agência de educação do novo homem comum para sua sociedade de trabalho científico.

Em verdade, pensava uma escola capaz de equalizar socialmente os indivíduos colocando “o homem certo no lugar certo”. E o lugar deste homem estaria no desenvolvimento tecnológico, nos mais diversos níveis. Ou seja, a sociedade democrática passaria pelo desenvolvimento da ciência tecnológica e pela formação das instituições. Uma vez formando os homens para o desenvolvimento, a escola estaria favorecendo a ocupação de todos.

Vê-se, então, que Anísio vislumbrava, a partir da escola, a possibilidade da formação da consciência crítica dos homens. Melhor dizendo, a escola, à medida que formasse quadros efetivamente qualificados para ocuparem as diversas instâncias sociais, estaria promovendo o crescimento econômico-social e possibilitando – uma vez preparados os homens tecnológica e culturalmente – a organização das instituições sociais do tipo sindicato e associações.

Pensava em um *homem-indivíduo*, avistando no horizonte uma sociedade liberal democrática. Ou seja, para ele, a base do indivíduo estaria na sua própria natureza, caberia à sociedade, inclusive por meio da escola, moldar esta individualidade. Assim, só se pode falar no individual no amoldamento do social.

Nesta direção, atribuía à educação um papel fundamental, qual seja: o de corrigir o mercado; avistava, enfim, o equilíbrio social que tanto desejava para o Brasil. Segundo ele:

Se toda educação escolar visar sempre à promoção social, a escola se tornará, de certo modo, repito, um instrumento de desordem social, empobrecendo, por um lado, os níveis mais modernos da vida e, por outro lado, perturbando excessivamente os níveis mais altos, levando-lhes elementos que, talvez, não estejam devidamente aptos para o novo tipo de vida que a escola acaba de lhe facilitar (Teixeira, 1976, p. 92).

Por isso, acenava para uma escola que estivesse preparada para atender às mais variadas aptidões nela presentes. A educação se faria predominantemente literária, ou predominantemente científica, ou predominantemente técnica, conforme os interesses dos alunos, os seus talentos e suas capacidades.

Para tal, propunha uma escola capaz de formar mentalidades: uma escola que conseguisse estabelecer uma consciência nacional racional. Isto porque, para ele, só o espírito científico poderia reverter a condição de subjuogo a que estava submetida a economia brasileira e de liberar as mentes da inculcação literária e retórica que a educação colonialista nos impôs e que só nos fizeram preservar velhas atitudes milenárias.

Ao conceber esta escola, enseja uma mudança não apenas estrutural da sociedade brasileira, mas, fundamentalmente, moral e social. Para ele, esta nova escola impregnaria os indivíduos de igualdade política, ou seja, os faria visceralmente iguais, desenvolvidas as potencialidades a contento, estar-se-ia exercendo a democracia e se criando a mente democrática. Aqui, Anísio imputa à escola a produção de inteligências, assumindo, enfaticamente, que a mente nada mais é do que o produto social da educação e do cultivo.

Anísio opera, na tríplice conjugação indústria-escola-democracia, uma concepção harmônica das relações de trabalho. Não se vê ao longe o trabalho enquanto instrumento de alienação e exploração do homem. Por conta disso, aposta numa regulação quase que natural da sociedade e num potencial extremamente otimista da escola enquanto dissimuladora do real comunitário.

Importa destacar que a escola constituir-se-ia numa microrreprodução da vida comunitária. Acreditava ser possível realizar plenamente no espaço da escola o exercício democrático. Portanto, pensava a escola que – além de propiciar as formações mais diversas, necessárias ao funcionamento e desenvolvimento da sociedade industrial moderna – garantisse sua própria economia e autogestão.

Esta forma de ver pedagogicamente a escola parece revelar o desejo de ver emergir de dentro dela uma certa harmonia social. Sua intenção era a de ver descortinar-se no espaço público as reais manifestações populares e, conseqüentemente, as condições de vida destes sujeitos. Iludia-se Anísio de que esta possibilidade operaria e garantiria a formação política ou, melhor dizendo, a formação de consciências independentes e responsáveis. Acreditava que a escola conseguiria formar lideranças nas diferentes classes sociais. Prepararia elites em todas as atividades e classes.

Anísio tinha, provavelmente “graças” à sua formação cristã, verdadeira aversão aos regimes totalitários de governo. Por isso, precisava admitir para si mesmo a viabilidade da justiça social e a garantia do avanço científico-tecnológico sem a perda da liberdade. Via somente no regime democrático a possibilidade de progresso.

Para a efetivação de seu intento, incorpora de Dewey a sua concepção sociológica da educação, e de Thordike os processos psicológicos de controle do desempenho escolar. É envolvido pelo espírito progressivista dos americanos que começa a idealizar uma escola brasileira capaz de instrumentar tecnicamente os indivíduos.

Influenciado pela proposta americana de formação da cidadania, tenta, então, no seu projeto de escola, aliar a proposta política de presença de problemas sociais da realidade brasileira no interior da escola (possibilitando aos seus sujeitos discutirem-na) ao exercício do pensamento científico.

Anísio, como Dewey, entende que a democracia é um modo de vida onde os interesses comuns são partilhados livre e diferentemente entre os grupos sociais.

Fundamentado nessa concepção de democracia, pensava a escola brasileira. Melhor dizendo, assumia que a escola pedagogicamente deveria se configurar na reprodução dos movimentos presentes no conjunto da sociedade. Isto significa, grosso modo, correr o risco de ver implodir no sistema educacional as díspares condições de vida dos indivíduos. Parecia crer que, por este caminho, se poderia construir a consciência crítica. Apostava irrestritamente no papel de outras instituições nesta tarefa.

Porém, consciente da incipiente organização das instituições sociais no Brasil, ou seja, lucidamente esclarecido de que não se tinham instituições emanadas da comunidade, delegava à escola a tarefa de formar homens capazes de criá-la. Neste sentido, comunidade seria o alvo a ser atingido para a construção do próprio aparelho comunitário. Segundo Warde (1993), esta é uma ideia clássica do liberalismo – de que cabe à comunidade a luta pela democracia.

Em verdade, Anísio tinha clareza de que o Brasil ainda não contava com instituições representativas da classe trabalhadora capazes de lutar no jogo das relações de força do sistema capitalista em curso. Sabia, àquela altura, que a classe trabalhadora não se encontrava, ainda, fortemente organizada, portanto, consciente da ordem antidemocrática presente.

Então, a nova ordem posta à mesa para a operacionalização do exercício democrático estava na industrialização. Isto significa dizer que indústria é um conceito que demarca a concepção de escola em Anísio. Uma vez assegurada a democracia pela igualdade de oportunidades nas diversas instâncias de ocupações oferecidas pela indústria, caberia à escola preparar o “terreno de cultivo” destes indivíduos. Para isto, a escola, diz ele:

Deverá ser capaz de inculcar atitudes muito especiais e particulares difíceis [...]. Terá de inculcar o espírito de tolerância, o espírito de investigação, o espírito de ciência, o espírito de confiança e de amor ao homem e o da aceitação e utilização do novo – que a ciência a cada momento lhe traz – com um largo e generoso sentido humano (Teixeira, 1968, p. 32).

Percebe-se presente em Anísio uma concepção de revolução, que se dá pelo alargamento de fronteiras e não pelo conflito. Isto se deve também pela ideia por ele incorporada de que a nação se fortificaria pela cultura, entendida como aglutinação das diferenças e não pela exclusão e pelo embate.

A escola: reconstruindo a vida a partir do espírito científico e comunitário

Com relação à concepção de escola, traz à tona a questão do método de ensino da escola progressiva – que se dá no conjunto das relações escolares e não exclusivamente no espaço da sala de aula – e do método de pensamento. À escola cabia preparar o indivíduo para o exercício da descoberta. Sua real função revelava-se em proporcionar a todos a apropriação do método científico. Nestes termos, a escola é provedora da atitude científica e conformada pela possibilidade de oferecer aos alunos situações concretas de descoberta.

O discurso pedagógico de Anísio, logo após sua vinda dos EUA, encontra-se impregnado de iluminismo. Para ele, “a experimentação científica é um método de progresso literalmente ilimitado” (Teixeira, 1975, p. 29). Dizia ainda: “o método experimental reivindicou a eficácia do pensamento humano” (Teixeira, 1975, p. 31).

Anísio sobreleva a razão à sua máxima supremacia. Desenvolver-se significa estimular cada vez mais esta condição singular do homem. Subjuga as potencialidades humanas ao ato de pensar. Isto o faz projetar um processo pedagógico pautado, fundamentalmente, no método.

A escola se constituía em instância fundamental para a disseminação do pensamento científico, que iria garantir as mudanças de atitudes e práticas dos brasileiros que, até então, permaneciam marcadas pelos limites de uma escola que, de um lado, ensinava a ler; escrever e fazer contas, de outro, formava doutores. Acreditava que, por via da apropriação do espírito científico, a liberdade se consolidaria e a democracia se expandiria.

Uma vez assegurada a liberdade e a atitude democrática no interior da escola, Anísio, inspirado em Dewey, difunde a participação incondicional dos alunos nos destinos da escola, que pedagogicamente deveria funcionar como extensão da própria realidade da criança. A escola deveria ser uma parte integrada à vida do aluno, ligando as suas atividades de ensino às experiências de fora da escola. Isto só é possível graças ao método científico. A essência da educação escolar estava em oferecer ao educando o exercício da atitude científica, com os seus hábitos de reflexão, de inquérito, de análise, de crítica e de sistematização.

É esse caráter essencialmente moderno, porque científico, que inspirava o desenvolvimento e o progresso, não apenas da ciência, mas também das Artes, da Poesia e da Filosofia. O reajustamento social estaria, afinal, assegurado.

Para fazer acontecer esta pedagogia, Anísio anunciava um novo “clima” na escola. Proclamava que a criança do povo deveria encontrar na escola as mesmas condições que as mais afortunadas da fortuna geralmente têm nas próprias casas:

Um ambiente civilizado, sugestões de progresso e desenvolvimento, oportunidades para praticar nada menos do que uma vida melhor, com mais cooperação humana, mais eficiência individual, mais clareza de percepção e crítica e mais tenacidade de propósitos orientados (Teixeira, 1975, p. 64).

Essa proposta vem nos impor a reconstrução de velhos processos de ensino aliado ao ajustamento de novos materiais de instrução. Instaurando no âmbito da escola um “clima de vida”. como dizia, Anísio pensava estar aparelhando uma das instituições sem a qual a sociedade não se corrigiria de seus grandes males. Instituído o método científico, propõe um ensino que tem como eixo o processo de reconstrução da experiência presente na concepção de “pedagógico” de Dewey.

A escola progressista de Anísio assentava-se, assim, na formação da atitude crítica de inteligência, na participação incondicional de seus alunos. Essa escola seria essencialmente democrática, por ser aberta a todos e oferecer iguais oportunidades de escolarização. A escola se democratizaria e democratizaria a sociedade à medida que, além de aberta a todos, garantisse que todos aprendessem.

A insistência de Anísio em ver presente uma escola que pedagogicamente se constituísse num retrato da própria vida comunitária intencionava alçar voos mais altos: o de preparar o indivíduo para exercer o “*self-government*” de sua vida, cidade ou município. Anísio, pelo clarão dessa via, assentava, no seu projeto de escola, a possibilidade de os brasileiros tomarem efetiva consciência de seus problemas, criando-lhes o ímpeto de buscar solucioná-los.

Tinha absoluta clareza da dimensão social de seu projeto-escola. Por isso, importava-se em nele instalar um novo processo de ensino e de reconstruir uma nova perspectiva de relações. Suas ideias pedagógicas tentavam abarcar não somente um novo método de ensino e de pensamento, mas também de instaurar uma nova ordem nas relações políticas, pautada num clima de confiança entre administração-professores-alunos. Afirmava, ainda, que esta obra de completa reconstrução escolar não era tarefa exclusiva dos pedagogos, mas de todos os homens de pensamento que dirigem, de fato, a sociedade.

Era incondicional para Anísio a participação de todos os segmentos (pais, professores, técnicos e alunos) no processo de gestão da escola. Dizia que a gestão escolar é autogestão. Vía o Estado como mero administrador e fomentador dos ensaios das comunidades e que só a elas caberia conduzir suas próprias escolas. Neste sentido, a democracia emergente na sua proposta pedagógica alicerça-se, fundamentalmente, na eficácia do trabalho cooperativo. Assim, o pedagógico vem a reboque de uma prática escolar bem mais ampla e conseqüente. Um pedagógico que alia-se a um projeto maior, um projeto histórico que, na verdade, não era ideal apenas de Anísio, mas de seu grupo.

Considerações Finais

A proposta de Anísio traz uma concepção de “pedagógico” que não se limita ao exercício exclusivamente técnico do professor em sala de aula, como se vê comumente presentes nos manuais de didática e prática de ensino. Suas intenções evidenciam uma clara dimensão política e econômica. Assim, não dá para traduzi-lo como um pedagógico desprovido de interesses mais amplos. A escola ativa e democrática que defendia tinha, no cerne do método científico, o firme propósito de superar as díspares diferenças entre os homens. Isto porque, para ele, o método científico e as práticas democráticas da escola não apenas seriam capazes de disseminar a cultura e criar mentalidades livres, mas também formar lideranças em todas as atividades e classes. Isto provocaria uma verdadeira revolução pacífica no conjunto da sociedade brasileira. A escola unificaria os homens atendendo às suas diferenças e possibilitando suas ocupações.

Por via do clima de comunidade, acreditava ser possível formar a consciência crítica. À medida que a escola possibilitasse a emersão das diferenças de classe e de cultura no seu interior, estaria provendo o senso de responsabilidade e o espírito democrático, tão necessários à construção da sociedade moderna. A escola deveria ser o retrato da vida, ainda que em preto e branco.

O pensamento anísiano atravessa décadas e está presente até hoje, inclusive naqueles que se colocam (ou que se julgam) como críticos de sua proposta, que guarda pedagogicamente o intento de aproximar ao máximo a escola das reais condições comunitárias de seus segmentos.

O mérito inegável do pensamento e da ação de Anísio está em ter efetivamente instaurado no espaço da sala de aula o espírito do público. A escola deixa de ser a casa do professor – o espaço privado – e passa a se constituir no lugar do público. Por isso, também, defendia a escola enquanto espaço de instrução e de discussão política.

Fica deste estudo a aproximação de que Anísio, efetivamente, foi construindo em si o gosto pela Educação. Que não se constrangia “em sentar à mesa de seu grupo”, mesmo não comungando de suas ideias, e que procurou, ainda que tivesse que se digladiar com a formação político-oligárquica de origem, agir segundo suas certezas intelectuais.

Referências

ALMEIDA, S. B. de (org). **Chaves para ler Anísio Teixeira**. 1ª ed. Salvador: EGBA, 1990.

BUFFA, E.; NOSELLA, P. **Educação negada**: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MENDONÇA, A. W. P. C. **Universidade e formação de professores**: uma perspectiva integradora. A “Universidade de Educação”, de Anísio Teixeira. 1993. Tese de doutorado – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1993.

NUNES, C. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. 1991. Tese de doutorado – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1991.

TEIXEIRA, A. **Em marcha para a democracia**: à margem dos Estados Unidos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1934.

TEIXEIRA, A. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1936.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1957.

TEIXEIRA, A. **Educação é um direito**. 1ª ed. São Paulo: Nacional, 1968.

WARDE, M. J. **Discurso oral**. São Paulo: PUC/SP, 1993.

Abstract

Curiously it was discovered that “pedagogy”, as construed by Anísio Teixeira, was related to a historical project formulated by people concerned with the idea of a “developed” Brazil. Thus, in Teixeira’s writings, “pedagogy” is linked to two dichotomous categories: democratic spirit/community and individual industriousness/equality.

Keywords: the concept of “pedagogy”; community; industry; social equality.